

A política do corpo na tecnociência fáustica

**Marko Synésio
ALVES MONTEIRO**

Paula Sibília

O Homem Pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais.

Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

ISBN: 85-7316-292-9

O debate em torno das conseqüências e potencialidades surgidas com o advento de tecnologias como a engenharia genética, o seqüenciamento de genomas e a crescente penetração do digital no cotidiano tem se fortalecido cada vez mais no Brasil, já sendo bastante vigoroso no mundo acadêmico em geral. Com o anúncio recente do seqüenciamento completo do genoma humano, e com as polêmicas geradas em torno daquele fato, esse debate tomou proporções ainda maiores, e ocorreu uma pequena explosão de pesquisas e de interesse a respeito desse tema, tanto em meios intelectuais quando na mídia mais ampla.

Tal debate, longe de ser algo deslocado na nossa realidade (como podem talvez sugerir termos pouco familiares como pós-humano ou pós-orgânico), torna-se cada vez mais uma parte central do processo de definição dos rumos culturais e políticos pelos quais desejamos trilhar nesse século XXI. As polêmicas recentes em torno de pesquisas com células tronco e em torno da política brasileira a respeito de organismos transgênicos e sua utilização na agricultura, para citar algumas questões recentemente debatidas na imprensa, mostram o quanto é cada vez mais urgente que a opinião pública e os debates especializados

tomem consciência da responsabilidade que temos, enquanto cidadãos vivendo num período de transição e de indefinição, nas escolhas que direcionarão nosso futuro.

O livro recente de Paula Sibilia, tema dessa resenha, é uma excelente introdução a esses debates, e coloca de forma didática e prazerosa muitas das questões centrais sendo debatidas. Seu livro pretende analisar como as novas tecnologias têm um impacto profundo no corpo e na subjetividade, e para tal ela mobiliza uma ampla gama de argumentos de uma variedade de disciplinas, desde a filosofia, a história, a arte e a política. Seu texto é um debate panorâmico, a meu ver, dos pontos mais polêmicos envolvidos nesse processo de conflito em torno dos rumos e definições a serem tomados no que diz respeito à interação entre seres humanos e as novas tecnologias.

No cerne de seu argumento está a derrocada do corpo tal qual definido no Humanismo renascentista, que ela chama de corpo-máquina analógico, em oposição a um corpo dominado por uma digitalização universal que estaria se configurando na contemporaneidade. Desde Pico della Mirandola, que buscou no século XV reiterar a centralidade do Homem num mundo ainda dominado pela cosmologia da astrologia e pela autoridade da igreja, existiu na chamada Modernidade um projeto de reforçar o humano como medida e como centro do universo. A matemática e a ciência, e não os astros ou a religião seriam as formas verdadeiras de se perceber e interpretar o real, e o homem seria, por sua racionalidade e perfeição, o protagonista desse mundo, inserido num movimento de progresso inevitável cujo combustível seria a tecnologia.

Na era atual, como mostra a autora, o progresso científico ameaça solapar a centralidade do humano e tomar, ela mesma, o papel central nessa “evolução”. O corpo humano, cada vez mais invadido e modificado pela tecnologia, e cada vez mais em interação com aparatos técnicos, estaria segundo alguns pensadores tornando-se cada vez mais obsoleto em relação ao progresso técnico:

É nesse contexto que surge uma possibilidade inusitada: o corpo humano, em sua antiga configuração biológica, estaria se tornando “obsoleto”. Intimidados pelas pressões de um meio ambiente

amalgamado com o artifício, os corpos contemporâneos não conseguem fugir das tiranias (e das delícias) do upgrade. Um novo imperativo é internalizado, num jogo espiralado que mistura prazeres, saberes e poderes: o desejo de atingir a compatibilidade total com o tecnocosmos digitalizado. Para efetivar tal sonho é necessário recorrer à atualização tecnológica permanente: impõem-se, assim, os rituais do auto-upgrade cotidiano (SIBILIA, 2002, p. 13).

Para a autora, recorrendo ao pensador português Hermínio Martins¹, passamos de uma tradição prometéica, arraigada nas cosmologias ocidentais, para uma tradição fáustica. O prometéico aqui se refere aos ideais da tecnologia como expansão das capacidades do corpo, enquanto que o fáustico, que seria uma vertente cada vez mais dominante, pensa a possível superação do corpo, a transcendência da condição humana, o pós-humano. Esse pensamento fáustico se expressa, por exemplo, nessa tirania atual do *upgrade* do corpo, seja por meio de intervenções cirúrgicas ou pelo acoplamento cada vez maior com aparatos tecnológicos. A busca pela verdade do corpo, iniciada na era moderna com a anatomia e com as representações realistas de artistas como Leonardo da Vinci, hoje se radicaliza na busca de uma essência molecular, a partir do seqüenciamento do genoma por exemplo.

Assim, o saber científico [da modernidade] redefinia o corpo: arancando-o do homem vivo e escolhendo o cadáver como seu modelo e objeto. Nos alvares renascentistas da ciência, a anatomia estática se sobrepôs à fisiologia, congelando a vida do organismo para poder explicar suas engrenagens. Daí em diante, a intimidade do corpo iria ser fatalmente colonizada; seu interior iria ser desvelado, iniciando-se um processo que hoje parece estar alcançando seu ponto culminante com o deciframento do genoma e a conquista do nível molecular com a ajuda das ferramentas digitais (SIBILIA, 2002, p. 68).

A questão política é também fundamental ao texto, e a autora busca interpretar o impulso fáustico da ciência atual como uma continuidade, até certo ponto, dos projetos de higiene e de controle de populações que ganharam força no início do século XX. A partir do conceito de bio poder tal qual elabora-

do por Michel Foucault, a autora compara as tecnologias de controle da vida analógicas desse tempo com as tecnologias de controle digitais, cujo desenvolvimento assistimos ultimamente. Esse bio poder, segundo Sibilia, tinha no sexo seu eixo fundamental, e buscava interferir na vida nos níveis individual e populacional. Ou seja, através da medição, hierarquização, avaliação, etc., buscava-se eliminar elementos degenerados da população, a fim de potencializar as forças vitais em prol da sua produtividade industrial.

Essa configuração do bio poder buscava portanto inserir a vida e o corpo do indivíduo e da massa cada vez mais no processo produtivo associado com a era industrial. O manejo do corpo visava não mais o poder do antigo soberano, de matar ou deixar viver, mas sim engajar o corpo no processo produtivo com maior eficiência, reduzindo doenças e melhorando eugenicamente a espécie.

Na passagem para o atual momento pós-industrial, como analisa Sibilia, essas formas de controle se tornam obsoletas frente às possibilidades abertas pelo acesso cada vez maior ao corpo na sua essência molecular. O corpo passa a ser encarado digitalmente, como feixe de informações, como banco de dados acessível e manipulável. Portanto cada vez mais era imperativo controlar as virtualidades presentes nesse nível pré-individual, e não mais corrigir o corpo material já configurado. As possibilidades de controle irrestritas vislumbradas a partir da engenharia genética levam a um remanejamento das forças que buscam controlar e manipular o DNA enquanto essência da vida.

Dessa forma Sibilia argumenta que o DNA é agora o novo foco do bio poder, em lugar do sexo. Da mesma forma, o complexo produtivo industrial perde o foco para a esfera do consumo. Ou seja, a figura do trabalhador, parte desse complexo, perde a centralidade nos processos sociais frente ao consumidor, preocupado ele mesmo com o manejo dos riscos aos quais seu corpo está constantemente sujeito (doenças, peso, aparência, estatura), e aos quais a figura da empresa serve muito mais que um Estado forte e centralizado. Ocorre uma privatização dos meios de controle do corpo: ao invés

dos grandes programas estatais de higiene que vimos no passado (cuja culminação foi a solução final de Hitler), hoje vemos cada vez mais o consumidor interessado em manejar seu peso, controlar sua alimentação, consumir as novidades no mundo dos cosméticos, etc. A boa saúde se confunde com a boa aparência, e o corpo se torna central como definidor de identidades individuais e de grupos.

Para a autora, as conseqüências desse deslocamento já são sentidas em casos como a indústria farmacêutica. Essas, em aliança com laboratórios, buscam crescentemente tomar posse do patrimônio genético existente através de patentes. Tais patentes visam garantir exclusividade de uso para o desenvolvimento de drogas cada vez mais sofisticadas, que atendem aos desejos de uma população preocupada em efeitos instantâneos ao invés de processos. Drogas como o Viagra e o Prozac, segundo a autora, fariam parte desse processo de digitalização universal por oferecerem soluções instantâneas a problemas de saúde, tratando o corpo como entidade manipulável.

Tais dados evidenciam a forte dependência da nova tecnociência de cunho fáustico com relação ao mercado, e o afrouxamento dos laços com as instituições públicas e governamentais que constituíram os principais veículos das estratégias biopolíticas na sociedade industrial. Uma implicação importante desses processos é que as novas tecnologias de modelagem de corpos e almas surgidas nesses contextos já não apontam de forma exclusiva ou prioritária para os cidadãos dos Estados-nação liberais. Pelo contrário, o foco dessas estratégias é um target composto por consumidores, não distribuídos em populações nacionais ou censos demográficos, mas segmentados em termos estritamente mercadológicos (SIBILLA, 2002, p. 178).

As implicações políticas desses processos, como vimos, é profunda, e a autora toca nessas questões no final do livro. As opções, como ela discute, não estão claras, mas ao mesmo tempo há uma certa urgência em se discutir alternativas. Para alguns autores, existem novas e empolgantes possibilidades contidas nesses desenvolvimentos, que devem ser exploradas como alternativas à dominação. Para outros, o controle é tama-

nho que não temos muito espaço de manobra. A saída, a meu ver, é uma maior compreensão desses fenômenos, que leva a tomada de consciência crítica e ao debate de alternativas, e não somente à aceitação tácita dos fenômenos tal qual se apresentam.

Notas

1- MARTINS, Hermínio. Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da técnica e Tecnologia, modernidade e política. In Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social. Lisboa: Edições Século XXI, 1996.

MARKO SYNÉSIO ALVES MONTEIRO

Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP, mestre em Antropologia pela mesma universidade. Publicou o livro *Tenham Piedade dos Homens* e diversos artigos sobre identidade, gênero e masculinidade. Estuda atualmente os impactos da biotecnologia no corpo e mantém uma página na Internet sobre o tema (<http://sites.uol.com.br/markosy>), tendo publicado e apresentado também textos sobre corpo, arte e tecnologia.

Email: markosy@uol.com.br